

PROCESSO DE CRIAÇÃO DE ESPETÁCULO TEATRAL INCLUSIVO COM DEFICIENTES VISUAIS

Franklin José Carneiro Neto¹

Raimundo Nonato Viana²

RESUMO: O artigo trata de pesquisa em andamento, desenvolvida no Mestrado ProfArtes da Universidade Federal do Maranhão. Busca a criação de *Metodologia para Inclusão de Alunos com Deficiência Visual na Arte Teatral*. A temática da *Inclusão* baseou-se nos teóricos MANTOAN (2015), MAZZOTA (2011) e GÓES (2007); para os *Jogos e Exercícios Teatrais* utilizamos SPOLIN (2005), KOUDELA (1984), JAPIASSU (1998) e REVERBEL (1978). Através de experimentações de métodos, teorias e técnicas teatrais pretende-se incluir os Deficientes Visuais nas Oficinas de Teatro, criar um Espetáculo Teatral e, posteriormente, utilizando a *Mediação Teatral*, avaliar se a *Metodologia de Inclusão Teatral* adotada possibilitou a participação destes alunos na criação, montagem e atuação no espetáculo. Neste momento estamos iniciando a Oficina de Teatro junto a Escola de Cegos do Maranhão.

Palavras-chave: Inclusão. Deficiência Visual. Teatro. Mediação Teatral.

ABSTRACT: The article deals with research in progress, developed in the Master's Degree ProfArtes of the Federal University of Maranhão. Seeks the creation of a Methodology for the Inclusion of Students with Visual Disability in Theater Art. The theme of Inclusion was based on the theorists MANTOAN (2015), MAZZOTA (2011) and GÓES (2007); for Games and Theatrical Exercises we use SPOLIN (2005), KOUDELA (1984), JAPIASSU (1998) and REVERBEL (1978). Through experimentation with methods, theories and theatrical techniques, it is intended to include the Visually impaired in Theater Workshops, to create a Theater Show and, later, using Theater Theory, to evaluate if the Methodology of Theatrical Inclusion adopted allowed the participation of these students in the creation, assembly and performance in the show. At this moment we are starting the Theater Workshop next to the School of the Blind of Maranhão.

Keywords: Inclusion. Visual impairment. Theater. Theatrical Mediation.

¹ Mestrando PROFARTE/Universidade Federal do Maranhão, fjcneto@ifma.edu.br

² Prof. Doutor da Universidade Federal do Maranhão, São Luís, Pós- doutorando CAPES, PPGE/UFMT, profnonatoviana@gmail.com

INTRODUÇÃO

O fazer artístico teatral é uma das formas mais eficazes de se colocar o aluno em um caminho que leva a sua inclusão social, pois permite, através dos jogos, exercícios e da própria personagem criada ou vivida, que esse aluno/ator expresse suas emoções e sensações, estimulando a transformação, a autoconfiança e a cooperação mútua.

A inclusão dos Deficientes Visuais na Arte Teatral, não só como apreciadores, mas como criadores de obras artísticas não é uma questão nova e, quando analisada sob a luz das discussões encontradas a partir de 1993/94 na Declaração Mundial de Educação Para Todos e em 1996 na LDB n° 9.394/96, constata-se a existência de uma diretriz que determina que *a maior função da Educação Especial é a inclusão*. A legislação nacional e as convenções internacionais reforçam a necessidade da inserção da pessoa com deficiência nos ambientes escolar e social, provocando uma intensa reflexão a este respeito, tanto por parte dos educadores quanto dos sociólogos e políticos e, considerando que a arte teatral apresenta enorme potencial por trabalhar diretamente com as relações humanas e as convenções sociais e culturais, este estudo poderá contribuir para que sejam pensadas novas formas para que o deficiente visual, integrado a construção de um saber artístico e a um fazer criativo no tocante a criação de um espetáculo teatral, participe do mesmo e sugira caminhos para sua própria inserção no fazer artístico teatral, contribuindo assim para o seu desenvolvimento como um ser humano pleno.

Sempre nos inquietou a pouquíssima, senão nenhuma participação de Deficientes Visuais em espetáculos de Teatro. Não há a participação deles (pelo menos aqui no Maranhão) nem como criadores nem como atores e sempre nos perguntamos se isso se devia a incapacidade dos Deficientes Visuais em participar desta linguagem artística, se não existiam atores cegos ou se a culpa era dos diretores em produzir um espetáculo que fosse realmente inclusivo. Quando nos referimos a *Inclusivo* queremos dizer um espetáculo que realmente tenha pessoas com Deficiência Visual na concepção artística do mesmo, um espetáculo que seja fruto de um procedimento metodológico que possibilitasse ao Deficiente Visual participar de todos os aspectos do processo da criação artística, que lhes permitisse até atuarem como atores não-cegos, que buscasse a participação deles na resolução dos problemas de criação e execução de uma carpintaria teatral própria para as pessoas com Necessidades Especiais(em

todas as suas particularidades e para pessoas com Deficiência Visual de forma mais específica), mas que ao mesmo tempo não impossibilitasse ou dificultasse o acesso de uma plateia que não tivesse estas necessidades.

A questão da inclusão de alunos com Deficiência Visual nas Oficinas de Teatro, a tentativa de refletir de maneira propositiva sobre as experiências e as práticas dos professores de Teatro em se tratando do aspecto estético pedagógico das suas Oficinas e, mais especificamente, as dificuldades da adequação destas às Propostas Pedagógicas Inclusivas, suas possibilidades e impedimentos práticos de execução, as dificuldades de adaptação desta inclusão à realidade das Oficinas de Teatro, inclusive em sua acessibilidade a todos são algumas vertentes que este trabalho vai percorrer.

Outro propósito desta pesquisa é responder a como utilizar o conhecimento advindo da experimentação prática das teorias e técnicas utilizadas nas Oficinas de Teatro para se criar um *Espetáculo Teatral Inclusivo*. A pretensão é acompanhar e registrar a possível criação de uma Metodologia de Inclusão Teatral que possibilite a participação dos alunos com Deficiência Visual na montagem de um espetáculo de Teatro Inclusivo. Pretendemos com isso estabelecer formas de adaptar os *Elementos da Carpintaria Teatral* e o *Próprio Espetáculo* às especificidades e limitações de um público com Necessidades Especiais sem que, com isso, se crie um espetáculo cuja dicotomia seja exatamente o fato das próprias *Interferências* e *Adaptações* utilizadas como meios de inclusão dificultar a fruição do espetáculo pelo espectador que não possua nenhuma Deficiência. A partir das apresentações do espetáculo mensuraremos os erros e acertos deste procedimento metodológico utilizando a técnica da Mediação Teatral.

A importância desta pesquisa tem vários pontos focais e abrange vários aspectos. No tocante ao Deficiente Visual como Ator/Atriz nos concentramos em experimentar e analisar Atividades e Jogos Teatrais que possibilitassem a inclusão e a participação plena deles nas oficinas de teatro. Quanto ao aspecto de Criação do Espetáculo Teatral, levantamos técnicas, estudos e experimentos metodológicos que visam permitir que eles participassem plenamente das atividades que compõem a criação de uma Carpintaria Teatral própria, levando-os a criarem espetáculo teatral adaptado às suas necessidades e limitações. Estas vertentes caminham juntas para o mesmo objetivo, que é proporcionar formas para que estes alunos Deficientes Visuais tenham uma experiência com o fazer teatral que não seja apenas sensorial, mas seja também reflexiva, criativa e, principalmente, inclusiva.

Muitas vezes, quando falamos em Educação Inclusiva algumas pessoas entendem unicamente como o *direito de acesso das Pessoas com Deficiência ao ensino regular*. Compreendemos, entretanto, o conceito de inclusão de forma mais ampla, passando pela própria transformação das escolas regulares para possam atender a todos indistintamente, rompendo com o paradigma tradicional, o que faria com que os sistemas de ensino se tornassem verdadeiramente inclusivos. Segundo Maria Teresa Mantoan (2015), incluir é não deixar ninguém do lado de fora da escola comum, ou seja, ensinar a todas as crianças, indistintamente. A autora afirma que não é suficiente apenas fazer esse acolhimento, mas que o aluno com Necessidades Especiais tenha condições efetivas de aprendizagem e desenvolvimento de suas potencialidades. Diz ainda que aquilo que se espera das escolas, ao se autodenominarem inclusivas, ou seja, com espaços de experiência para a aprendizagem de alunos com e sem deficiência, é que se organizem tanto nos aspectos de acessibilidade arquitetônica quanto curriculares e pedagógicos.

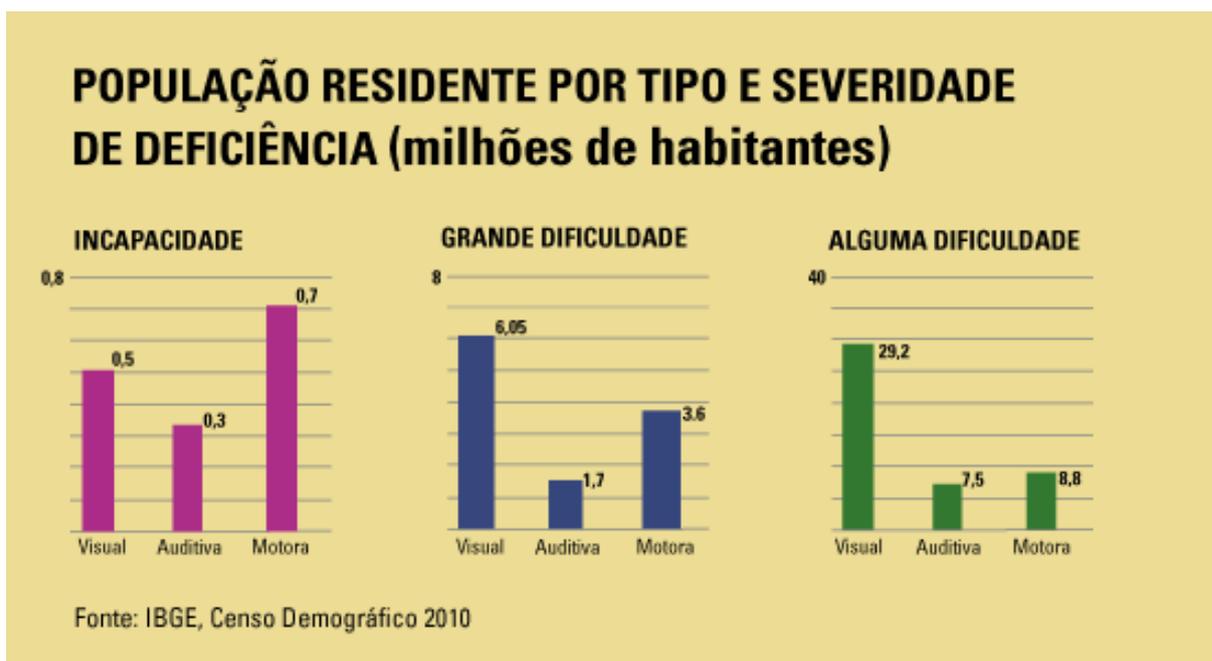
Exatamente por concordarmos com esta forma de pensar a inclusão é que defendemos a inserção completa dos Deficientes Visuais com os jovens e adolescentes sem deficiência nas Oficinas de Teatro que propomos. Participar juntos das mesmas Atividades e Jogos é uma forma desses jovens não-cegos terem contato com a realidade do Deficiente Visual e acreditamos que essa convivência pode e deve fazer parte da vida cotidiana, colaborando assim para a formação de pessoas mais tolerantes quanto às diferenças, mais dispostas a interagir e a serem pró ativos com a sociedade da qual fazem parte. Sabemos que as leis que garantem a inclusão do aluno com Deficiência avançaram nos últimos anos, mas sempre se tem desafios que estão além de simplesmente resolver problemas estruturais e didáticos. Entre eles podemos elencar a própria ignorância e o estranhamento relacionados ao outro, ao diferente ou incomum nos nossos relacionamentos. Estas são algumas das causas que estão na origem dos preconceitos e estereótipos com o Deficiente.

DESENVOLVIMENTO

Segundo critérios estabelecidos pela Organização Mundial da Saúde (OMS) *Deficiência Visual* é o comprometimento parcial (de 40 a 60%) ou total da visão. Não são deficientes visuais pessoas com doenças como miopia, astigmatismo ou hipermetropia, que podem ser corrigidas com o uso de lentes ou em cirurgias.

Foram publicados em 2014³ pela Organização Mundial da Saúde (OMS), dados que constataam que há 285 milhões de pessoas com Deficiência Visual no mundo, o que equivale a 0,7% da população total. Os países em desenvolvimento detêm 90% destes números, apesar de que, devido ao envelhecimento da população e o aumento dos índices de doenças crônicas como a diabetes, novos casos estão surgindo nos países desenvolvidos. No Brasil há mais de 500 mil pessoas cegas (segundo o censo do IBGE de 2010) e 3,44% da população tem Deficiência Visual severa.

No último Censo Demográfico (2010) 45,6 milhões de pessoas declararam ter pelo menos um tipo de deficiência, seja do tipo visual, auditiva, motora ou mental/intelectual. Apesar de representarem 23,9% da população brasileira em 2010, estas pessoas não vivem em uma sociedade adaptada. Segundo a Pesquisa de Informações Básicas Municipais (Munic) de 2014, a maioria das prefeituras não promove políticas de acessibilidade, tais como lazer para pessoas com deficiência (78%), turismo acessível (96,4%) e geração de trabalho e renda ou inclusão no mercado de trabalho (72,6%).



De acordo com os dados do IBGE de 2010

Os resultados do Censo Demográfico 2010 apontaram ainda 45.606.048 milhões de pessoas que declararam ter pelo menos uma das deficiências investigadas, correspondendo

³ Disponíveis em: <http://www.who.int/mediacentre/factsheets/fs282/es/>.

a 23,9% da população brasileira. Dessas pessoas, 38.473.702 se encontravam em áreas urbanas e 7.132.347, em áreas rurais. A Região Nordeste concentra os municípios com os maiores percentuais da população com pelo menos uma das deficiências investigadas

Distribuição percentual da população residente, por tipo de deficiência, segundo o sexo e os grupos de idade – IBGE - Brasil – 2010

Sexo e grupos de idade	Distribuição percentual da população residente (%)						
	Total (1) (2)	Tipo de deficiência					
		Pelo menos uma das deficiências enumeradas (1)	Visua l	Auditiva	Motora	Mental ou Intelectual	Nenhuma destas deficiências (3)
Total	100,0	23,9	18,8	5,1	7,0	1,4	76,1
0 a 14 anos	100,0	7,5	5,3	1,3	1,0	0,9	92,5
15 a 64 anos	100,0	24,9	20,1	4,2	5,7	1,4	75,0
65 anos ou mais	100,0	67,7	49,8	25,6	38,3	2,9	32,3
Homens	100,0	21,2	16,0	5,3	5,3	1,5	78,8
0 a 14 anos	100,0	7,3	4,8	1,4	1,0	1,0	92,7
15 a 64 anos	100,0	22,2	17,1	4,5	4,5	1,6	77,8
65 anos ou mais	100,0	64,6	47,3	28,2	30,9	2,8	35,4
Mulheres	100,0	26,5	21,4	4,9	8,5	1,2	73,5
0 a 14 anos	100,0	7,8	5,9	1,3	1,0	0,7	92,2
15 a 64 anos	100,0	27,6	23,1	4,0	6,8	1,2	72,4
65 anos ou mais	100,0	70,1	51,7	23,6	44,0	3,0	29,9

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010. (1) As pessoas incluídas em mais de um tipo de deficiência foram contadas apenas uma vez. (2) Inclusive as pessoas sem declaração destas deficiências. (3) Inclusive a população sem qualquer tipo de deficiência

Ao partirmos dessa assertiva clara, precisa e delimitadora, que é a necessidade de inclusão dos deficientes visuais no fazer artístico teatral, buscaremos identificar, por meio da análise das práticas e das atividades desenvolvidas nas Oficinas de Teatro uma proposta didático-metodológica viável e contemporânea, amparada pelas teorias, no tocante a inclusão, de MANTOAN (2015) e PAULO FREIRE (1968); Estética a Arte, ADORNO (1985); Teatro, AUGUSTO BOAL (2013), STANISLAVSKI (1975) e BRECHT (1992). Esta metodologia

buscará a inclusão dos alunos com Deficiência Visual como praticantes de Teatro, identificando assim os caminhos para participação deles no processo da criação artística teatral, procurando reabilitar a dimensão estética enquanto experiência lúdica, construindo novos saberes e experimentações e levando para a vida destas pessoas as reflexões advindas destas experiências artísticas.

METODOLOGIA

A presente pesquisa em construção visa construir uma proposta didático-metodológica que possibilite a inclusão dos Deficientes Visuais como praticantes de Teatro, lhes permitindo desde a participação em Oficinas de Preparação de Atores, cujos jogos e exercícios teatrais serão adaptados às suas capacidades e limitações, instrumentalizando-os para assumirem a concepção artística, a criação e a atuação em um *Espetáculo Teatral Inclusivo* cujas apresentações serão mensuradas pela utilização da técnica de Mediação Teatral. Para tanto elencamos como metas: Experimentar, catalogar e adaptar Jogos Teatrais às necessidades e limitações dos deficientes visuais enquanto participantes de uma Oficina de Teatro; Incluir alunos com Deficiência Visual como criadores e atores em uma montagem teatral; Mensurar de que forma as atividades das Oficinas de Teatro e a criação e atuação em um espetáculo teatral contribuíram para que alunos com Deficiência Visual tivessem uma melhora na sua inclusão social.

Escolhemos fazer nossa pesquisa nas atividades desenvolvidas na Oficina de Teatro ministrada na Escola de Cegos do Maranhão por considerarmos que as particularidades desta escola, onde existem alunos cegos e não-cegos dividindo o mesmo ambiente, possibilitarão mensurar com mais clareza a inserção real dos deficientes visuais nas atividades teatrais. Esta parte do estudo terá uma *abordagem qualitativa*, pois buscaremos responder a questões muito específicas ao mesmo tempo em que se debruçará sobre uma realidade individual que não pode ser quantificada, que é a análise da participação e da integração dos alunos cegos com os não-cegos, a adaptação e adequação dos jogos e atividades teatrais utilizadas na Oficina e o resultado de todo o processo artístico (o espetáculo teatral), que será mensurado através da Mediação Teatral após as apresentações dos mesmos. Esta primeira parte terá um acompanhamento constante e uma avaliação processual, pois só após a implantação da Oficina e a partir dos seus primeiros resultados é que saberemos até onde é possível adaptar e utilizar Jogos Teatrais existentes às necessidades dos Deficientes Visuais

ou se a solução será exatamente criar jogos novos, direcionados e que já visem os resultados esperados. A segunda parte do processo, que é a integração dos Deficientes Visuais na criação de um espetáculo teatral inclusivo só poderá ser avaliada com a criação e apresentação do mesmo. Com estas apresentações e utilizando da **Mediação Teatral** mensuraremos os erros e acertos do resultado deste processo. Após estas três partes concluídas e avaliadas é que conseguiremos avaliar se conseguimos estabelecer uma **Metodologia de Inclusão Teatral** que possibilitasse a real participação dos alunos com Deficiência Visual em todo o processo de preparação de ator, de montagem do que deverá ser um espetáculo de Teatro realmente inclusivo e de apresentação do mesmo.

Não podemos deixar de citar que iremos realizar um *estudo de caso* de natureza empírica ao investigarmos um fenômeno contemporâneo, que a inclusão social dos deficientes visuais na arte teatral, cujas fronteiras e o próprio contexto em que ela se insere não estão claramente definidos. É também um estudo de *natureza exploratória* ao envolver o levantamento bibliográfico necessário para a formulação teórica das experimentações e atividades práticas com os jogos teatrais e as questões relevantes a própria inclusão do deficiente visual. Este levantamento tem como objetivo esclarecer conceitos e ideias que podem vir a modificar abordagens posteriores a este trabalho ou, no mínimo, proporcionar um maior conhecimento para o pesquisador acerca do assunto.

Quanto aos Procedimentos, dividimos o projeto em três etapas sequenciais e indispensáveis para que consigamos criar o *Espectáculo Teatral Inclusivo* a que nos propomos. Elas são dependentes uma das outras, mesmo tendo, cada uma delas, começo, meio e fim, por isto o processo de avaliação se dará de forma individual para cada uma. Iniciaremos com a *criação de uma Oficina de Teatro com alunos deficientes visuais e videntes da escola de cegos do maranhão*. Nesta oficina faremos *Experimentação de Exercícios e Jogos Teatrais que possibilitem incluir os Deficientes Visuais no fazer artístico teatral*. A coleta de dados sobre a Oficina será feita através de *Gravações e Registro Fotográfico da mesma*. Esta primeira etapa será acrescida da *Análise dos dados obtidos e das observações do pesquisador*.

A segunda etapa se dará durante a Oficina de Teatro e consistirá na Criação de um Espectáculo de Teatro através da *Experimentação de Atividades Criativas* que possibilitem incluir os Deficientes Visuais na criação do espetáculo (Texto e Carpintaria Teatral) e na participação deles como atores do mesmo. Esta etapa criativa, que vai da escolha do texto até

os ensaios e a construção de cenários e figurinos também terá *Gravações e Registro Fotográfico de todo o processo* e haverá a *Análise dos dados obtidos acrescidos das observações do pesquisador*.

A terceira etapa consistirá de *Apresentações do Espetáculo*, onde utilizaremos da Mediação Teatral para mensurar os erros e acertos que porventura aconteçam durante as apresentações. Nesta etapa faremos *Gravações e Registro Fotográfico das apresentações*. À Mediação Teatral, feita junto ao público, será acrescida da análise dos dados e das observações do pesquisador.

CONCLUSÕES

No presente momento entramos em contato com a escola de Cegos do Maranhão e iniciamos o processo de inscrição dos alunos interessados em participar da Oficina de Teatro, que deverá acontecer a partir da segunda quinzena de março, às segundas, terças e quintas, das 9H às 11H, em uma sala destinada para este fim. Como esta é uma pesquisa em andamento já temos parte do material de referência sendo analisado. Até o momento já abordamos alguns estudiosos e teóricos específicos da área de inclusão, onde destacamos MANTOAN, MAZZOTA, GÓES e CARVALHO. Foram levantadas e feita a seleção de algumas teses que versam sobre inclusão de deficientes em atividades artísticas e que, apesar de não abordarem especificamente TEATRO, estão sendo de grande ajuda ao tratarem de temas correlatos ou trazerem experimentos de inclusão que podem ser úteis no decorrer deste trabalho. Foram analisados os trabalhos dos seguintes autores: HIGUEIRAS e sua Tese de Mestrado *O Estado da Arte das Teses Acadêmicas que Abordam Arte e Inclusão: Um recorte de 1998 a 2008 no Brasil*, pela UDESC; VIGATA e sua Tese de Doutorado pela UNBA *Experiência Artística da Pessoa com Deficiência em Museus, Teatros e Cinemas: Uma análise pragmática*; CARVALHO SALGADO e sua Tese de Mestrado pela Universidade de Taubaté *Desenvolvimento Humano, Arte-Educação: As contribuições do teatro no desenvolvimento e inclusão social de pessoas com deficiência* e NOBRES na sua Tese de Mestrado pela Universidade de Pernambuco *Caminhos Para Inclusão: Uma reflexão sobre áudio-descrição no teatro infanto-juvenil*.

Outra parte do material de referência é composta pelos livros e compêndios que lidam com a preparação de Ator, cujos Jogos e Atividades Teatrais propostos estão sendo analisados e fichados em uma relação primária para vermos qual se adéqua a praticantes de

teatro com deficiência visual. Entre os vários autores já analisamos SPOLIN, KOUDELA, JAPIASSU e REVERBEL, todos referenciados na bibliografia. Aproveitamos para revisitar autores consagrados de Literatura e Teoria de Teatro que nortearão a linha artística do espetáculo a ser montado, o qual só será definido pelos integrantes da Oficina de Teatro no decorrer da mesma. Já foi feita a catalogação de parte da obra de três que, exatamente por abordarem aspectos diferentes no tocante a atuação, se adéqua ao estilo experimental da pesquisa, que são BOAL e suas técnicas de Teatro do oprimido, STANISLAVISKI e sua Técnica de Representação Naturalista e BRECHT e seu trabalho de Distanciamento do Ator.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W. **Dialética do Esclarecimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- BOAL, A. **O Arco Íris Do Desejo: O Método Boal De Teatro E Terapia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.
- _____. **Teatro do Oprimido e outras Poéticas Políticas**. São Paulo: Cosac Naify, 2013.
- _____. **200 Exercícios e Jogos para o Ator e o Não-Ator Com Vontade de Dizer Algo Através do Teatro**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1985.
- BORNHEIM, Gerd. **Brecht: a estética do teatro**. Rio de Janeiro: Graal, 1992.
- BOSSU, Henri; CHALAGUIER, Claude. **A expressão corporal**. São Paulo: Difel, 1975.
- BRASIL. Congresso Nacional. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação** (Lei nº 9.349). Brasília: Centro Gráfico, 1996.
- _____. Ministério da Saúde. Portaria Nº 3.128, de 24 de dezembro de 2008. Capturado em http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2008/prt3128_24_12_2008.html
- _____. Ministério da Educação. Parecer do Conselho Nacional de Educação, homologado pelo ministro, em 2009. Capturado em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/pceb013_09_homolog.pdf
- _____. **CONVEÇÃO PESSOA COM DEFICIÊNCIA**. http://www.pessoacomdeficiencia.gov.br/app/sites/default/files/publicacoes/convencao_pessoascomdeficiencia.pdf
- _____. Decreto Nº 6.949, de 25 de Agosto de 2009. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d6949.htm
- _____. IBGE, Censo Demográfico 2010: Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência. Capturado em https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/caracteristicas_religiao_deficiencia/caracteristicas_religiao_deficiencia_tab_uf_xls.shtm
- CARVALHO SALGADO, Eliana de Cássia Vieira de. **Desenvolvimento Humano, Arte-Educação: As contribuições do teatro no desenvolvimento e inclusão social de pessoas com deficiência**. São Paulo, SP: Universidade de Taubaté, 2013. Tese de Mestrado.
- CARVALHO, Mariza B. W. B. de, COSTA, Valdelúcia Alves da, MIRANDA, Therezinha Guimarães (Orgs.). **Educação Básica, Educação Superior e Inclusão Social: Pesquisas, Experiências e Reflexões**. Niterói, RJ. Intertexto, 2012.

- CHACRA, Sandra. **Natureza e sentido da improvisação teatral**. 1982. 154 f. Dissertação (Mestrado) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1968.
- GÓES, Maria C. R. & DE LAPLANE, Adriana L. F. (Orgs.) **Políticas e Práticas de Educação Inclusiva**. 3. Ed. Campinas, SP. Autores Associados, 2007.
- HIGUEIRAS, Cristiane. **O Estado da Arte das Teses Acadêmicas que Abordam Arte e Inclusão: Um recorte de 1998 a 2008 no Brasil**. Santa Catarina: UDESC, 2010. Tese de Mestrado.
- JAPIASSU, R. O. V. **Jogos teatrais na escola pública**. Rev. Fac. Educ., São Paulo, v.24, n.2, jul.1998, pp.81-97. Disponível em<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010225551998000200005&lng=pt&nrm=iso>.
- KOUDELA, Ingrid Dormien. **Jogos teatrais**. São Paulo: Perspectiva, 1984.
- _____. **Brecht: um jogo de aprendizagem**. São Paulo: EDUSP; Perspectiva, 1991.
- _____. **Texto e jogo**. São Paulo: Perspectiva, 1996.
- _____. (Org.). **Um voo Brechtiano: teoria e prática da peça didática**. São Paulo: Perspectiva: FAPESP, 1992
- KUSNET, Eugênio. **Ator e Método**. Rio de Janeiro: Serviço Nacional do Teatro, 1975.
- MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão Escolar – O Que é? Por Quê? Como fazer?** São Paulo: Summus, 2015.
- MAZZOTA, M. J. S. **Educação Especial no Brasil**. História e Políticas Públicas. 6. Ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- _____. Reflexões sobre Inclusão com Responsabilidade, **Revista @mbienteeducação**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 165-168, ago./dez. 2008.
- NOBRES, Andreza. **Caminhos Para Inclusão: Uma reflexão sobre áudio-descrição no teatro infanto-juvenil**. Pernambuco: Universidade de Pernambuco, 2012. Tese de Mestrado.
- OSTROWER, F. **Universos da Arte**. Rio de Janeiro: Campus, 1983.
- PEIXOTO, Fernando. **Brecht: uma introdução ao teatro dialético**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981
- READ, H. A **Educação pela Arte**. São Paulo, Martins Fontes, 1982.
- REVERBEL, O. **Um Caminho do Teatro na Escola**. São Paulo: Scipione, 2002.
- _____. **O Teatro Na Sala De Aula**. 2. ed. Rio de Janeiro: Olympio, 1978.
- SPOLIN, V. **Improvisação para o teatro**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

STANISLAVSKI, Constantim. **A Preparação do Ator**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

VIGATA, Helena Santiago. **A Experiência Artística da Pessoa com Deficiência em Museus, Teatros e Cinemas: Uma análise pragmática**. Brasília, DF: UNB, 2016. Tese de Doutorado.